



## AS RELAÇÕES DE PODER E DOMINAÇÃO EM ANTONIO CARLOS VIANA\*

### THE RELATIONS OF POWER AND DOMINATION IN ANTONIO CARLOS VIANA

Raquel Pereira de Lima<sup>1</sup>  
Regina Simon da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta investigação objetiva analisar as relações de poder no conto “Cine Privê”, do sergipano Antonio Carlos Viana. Sendo um autor inserido na produção contemporânea brasileira, é possível afirmar que é recorrente em seus textos temas como a exploração do indivíduo de classe desfavorecida; a violência que perpassa a vida das pessoas; a crueldade humana; a pobreza extrema; além de outros temas vistos na modernidade. Com isso, buscaremos demonstrar, a partir da crítica dialética aprofundada em Candido (2010) e Bastos (2011), como a sua contística reflete problemas que acompanham o homem na sociedade moderna, de modo que se faz refletir nas relações intersociais postas nas comunidades humanas. Auxiliam-nos teóricos como Saffioti (2011) e Bourdieu (2012), sobretudo a hermenêutica da violência a partir dos gêneros, problemática que, de algum modo, aproxima os dois sociólogos.

**Palavras-chave:** Antonio Carlos Viana. Relações de poder. Contos.

**Abstract:** This investigation aims to analyze the power relations in the short story “Cine Privê”, by Antonio Carlos Viana from Sergipe. As an author inserted in contemporary Brazilian production, it is possible to affirm that themes such as the exploitation of individuals from disadvantaged classes; the violence that pervades people’s lives; human cruelty; extreme poverty; besides other themes seen in modernity are recurrent in his texts. With this, we will seek to demonstrate, based on the dialectical criticism supported in Candido (2010) and Bastos (2011), how his short story reflects problems that accompany man in modern society, in a way that is reflected in the intersocial relationships placed in human communities. Theorists such as Saffioti (2011) and Bourdieu (2012) help us, especially the hermeneutics of violence based on gender, a problem that, in some way, brings both sociologists together.

**Keywords:** Antonio Carlos Viana. Power relations. Short stories.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Universidade Federal de Sergipe no Departamento de Letras Libras. Membro do grupo de pesquisa Linguagens, Feminismos e Estudos de Gênero. E-mail: raquellima10@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7438-8165>.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Associada de Língua e Literatura Hispânicas do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: reginasimonsilva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0376-5231>.

\* Artigo recebido em 30 de novembro. Aceito para publicação em 29 de dezembro de 2023.

## Questões de literatura, violência e sociedade

O texto literário trabalha com representações em diversos campos, sejam conflitos sociais ou individuais, com ou sem violência aparente. O discurso sobre a violência é uma representação e não uma descrição. Cabe à literatura situá-la na sua narrativa de modo expressivo. Antunes (2010) explica que a obra artística apresenta a vida através da revelação da memória que possibilita ativar outras novas e construir diferentes presentes e futuros. A autora ainda ressalta que a literatura como memória cultural evidencia a ligação entre o ontem e o hoje atualizando continuamente as imagens de um passado no presente. A memória cultural composta por tradições identifica o que é coletivo projetando-o, concretizando o futuro de um grupo.

A violência não é um acontecimento esporádico, é consequência de nossa sociedade e pertence a nossa memória cultural. Ela é intrínseca e aparece em todas as sociedades. Desse modo, ela é construída simbolicamente na memória do coletivo, pois “a violência aparece como constitutiva da cultura nacional, como elemento ‘fundador” (SCHØLLHAMMER, 2000, p. 236-237). Sendo um elemento fundador, ela organiza a própria ordem social e, como consequência, nossas experiências simbólicas.

Antonio Carlos Viana foi um contista que teve uma produção literária profunda. Neste artigo optamos por analisar o conto “Cine Privê” situado no livro de mesmo nome publicado em 2009 observando o tema da violência e sua relação de poder entre os personagens. Sendo um autor que produziu na contemporaneidade, é correto afirmar que seus temas refletiram problemáticas que afligem o ser humano independente de seu *status* social. Em seus textos é recorrente observarmos a exploração de seus personagens, ricos e pobres, a violência física, sexual e simbólica que perpassa a vida de crianças, jovens e adultos (independente do gênero e classe); a iniciação sexual de crianças; a crueldade humana; a pobreza extrema; entre outros temas vistos na modernidade. Observa-se que a violência é a principal linha de força da obra de Viana e há a viabilização de uma estética da violência no autor, onde o próprio tema se converte na “expressão” que Viana assumiu como linguagem literária. Por este motivo, nos é válido analisar os contos desse autor que muito contribuiu para a literatura brasileira.

Na crítica literária brasileira, acreditamos ser oportuno destacar o caso de Antonio Candido. Em seu antológico texto “Crítica e Sociologia”, o autor discorre sobre algumas correntes de análise literária. Como por exemplo, as que se utilizam apenas dos elementos externos à obra, fazendo puramente uma sociologia da literatura, ou as ideias defendidas pelo Formalismo Russo, em que apenas se observa os valores sintáticos e artísticos sem levar em conta os elementos que a contextualizam, atribuindo o seu valor apenas à forma e não ao conteúdo. Nesse sentido, Antonio Candido afirma que a “integridade da obra não permite adotar

nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]” (CANDIDO, 2010, p. 13). O estudioso ainda esclarece que os elementos externos, no qual ele entende como o social, desempenham uma função na constituição de uma determinada obra, e por este motivo, é interno a ela. Desse modo, quando o externo é entendido como parte da constituição de uma obra, a crítica deixa de ser meramente sociologia da literatura e passa ser apenas crítica.

Isto posto, entende-se que uma narrativa literária não se limita a fatos cronológicos. Ela é uma representação, pois mesmo que apresente um evento factual, todo texto literário se torna um “pretexto” para uma atribuição e até abertura à dimensão universal que a própria literatura possui. Nestes termos, nosso interesse em Candido é o de destacar a ligação essencial que toda obra literária estabelece com o seu meio social – pensamento que está alinhado ao debate europeu pós-estruturalista que levou às últimas consequências o desgaste da apreensão da obra literária apenas e exclusivamente do ponto de vista formal. Assim, justificamos a escolha de nossa metodologia para a análise dos contos de Antonio Carlos Viana, a saber: a crítica dialética.

Também utilizado em larga escala por Antonio Candido – que, com justeza, firmou-se como um dos principais nomes da crítica dialética no Brasil –, entendemos ser a crítica dialética uma ferramenta adequada para uma investigação que considera a relação essencial obra/meio social. Aqui acompanhamos a definição de Hermenegildo Bastos (2011) que conceitua a dialética como relação entre contradições. Essa contradição diz respeito a obra literária e o mundo a sua volta. Assim sendo, a narrativa fala tanto de si quanto do mundo. Ao nos debruçarmos sobre a obra de arte, estamos também mergulhando no mundo no qual ela está inserida. Por isso, para o crítico, toda obra literária carrega um fundamento hermenêutico.

Para Hermenegildo Bastos (2011) a obra literária adquire uma dimensão da história não se reduzindo ao registro cronológico, pois ela é uma outra forma de falar da vida e do mundo. Contudo, o que não se deve fazer é partir do externo para fazer uma leitura que reduz a capacidade de a literatura se expandir em sua universalidade, pois “toda obra literária sempre fala de si mesma (às vezes mais explicitamente, às vezes mais veladamente) e, ao fazê-lo, oferece pistas, indica caminhos para sua própria interpretação” (BASTOS, 2011, p. 12).

Quanto tratamos da relação literatura e violência, podemos afirmar que a própria literatura pode ser um espaço privilegiado para colocar em evidência o tema da violência, dentro da diversidade de narrativas, partindo em sua maioria de memórias individuais que, de certo modo, fazem parte do arcabouço coletivo. Explorar a memória cultural através dos textos literários é necessário ao homem para se situar no espaço e principalmente no tempo.

Nesta perspectiva teórica, podemos, então, considerar que ler uma obra literária é uma forma de conhecer mais o ser humano e como consequência, a nós mesmos. Dentro dessas reflexões acima, situamos a narrativa de Antonio Carlos Viana que nos envolve a ponto de nos fazer questionar valores e certezas de toda uma geração. Ela não é escrita para isso, pois a literatura não tem poder de provocar mudanças no mundo, porém reforça a mudança já existente no indivíduo. O leitor que procura a literatura para ajudá-lo, na verdade já tem essa consciência e a mudança é inevitável. Diante dos personagens dos contos de Viana, nos deparamos com situações de suas vidas que nos fazem questionar também as nossas, ao presenciarmos os sofrimentos e as consequências da violência por meio da dominação imposta por alguém que se diz superior ao oprimido.

Antonio Carlos Viana optou por escrever contos. Este gênero está sempre em mutação e definir suas características é uma tarefa árdua, pois ele é flexível e constantemente está em transformação, adaptando-se com características de outros tipos textuais. Desse modo, ao estudar esse tipo de narrativa, teremos sempre estilos novos a conhecer. Mesmo com tantas inovações, há características que não se alteram. Segundo Julio Cortázar, são “esses elementos invariáveis que dão a um bom conto a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte” (CORTAZAR, 1993, p. 149). Assim em período, o conto terá em seu cerne características que o define, mesmo que ele estava em contante transformação.

O conto é um gênero que se adequa à contemporaneidade, absorve características do momento de sua produção. Vivemos em um período de grandes fragmentações e da mesma forma, o conto tem se comportado. Além disso, os contistas se sentem atraídos por conflitos, pela crueldade, que afloram como temas tratados, muitas vezes, de forma violenta. Para Alfredo Bosi, “se comparada à novela e ao romance, a narrativa curta condensa e potencia no seu espaço todas as possibilidades da ficção” (BOSI, 2015, p. 7). O contista explora no discurso toda a intensidade e percepção. Isso por uma questão de sobrevivência. Ele se condensou utilizando o mínimo de palavras e máximo de ideias e nas entrelinhas do conto, a história ocorre diante dos leitores e sua percepção. Com isso, esse tipo de narrativa ocupa pouco espaço.

Desde a estreia de Viana na cena literária, no ano de 1974, até a publicação de sua última obra, em 2015 (um ano antes de sua morte, portanto), ou seja, no arco temporal de quarenta e um anos de atividade literária, podemos afirmar que o gênero conto foi decerto aquele que o autor utilizou com mais propriedade, o assumindo como gênero de sua expressão literária – vale destacar que, não obstante a experiência com o conto, o autor publicou dois livros infantis, além de possuir larga experiência com traduções de livros em língua francesa. Antonio Carlos Viana, de modo bastante satisfatório e amadurecido, se utiliza do gênero conto para

apresentar a sua literatura. Ele consegue unir de modo coerente as problemáticas sociais apresentadas em um espaço limitado sem perder os elementos essenciais para resultar num conto completo e existente em si mesmo. O leitor mergulha nas entrelinhas do dito/não-dito preenchendo o que é de sua responsabilidade aproveitando a arte e o estilo oferecidos pelo contista.

### Aspectos gerais nos contos de Antonio Carlos Viana

Antonio Carlos Manguiera Viana (1944-2016) é um escritor sergipano cuja obra apresenta diversas possibilidades de leituras. Com cerca de 40 anos de produção ativa, conquistou diversos públicos e prêmios. As temáticas abordadas em seus textos muitas vezes levam os leitores a testemunhar situações dolorosas e degradantes. É perceptível a presença da violência nos seus enredos. Violência essa que perpassa todas as camadas da sociedade. Encontramos mulheres que são oprimidas por homens em situação de poder (financeiro ou físico), homens são subjugados por sistemas de trabalho desumano, crianças são reprimidas por questões religiosas, familiares ou de pobreza.

O tema violência está presente na literatura desde sempre, pois esta não chegou ao seu esgotamento visto que com o desenvolvimento da sociedade a violência, fruto dessa, se torna também adaptativa e apresenta sempre uma nova roupagem. A exemplo disso, temos a intolerância de toda natureza contra mulher, criança, negro, indígena, pessoas com deficiência; violência simbólica, seja ela real ou por meio virtual como mensagens em redes sociais, nas propagandas. Tais eventos fazem parte da memória cultural de um grupo de indivíduos, tanto os reais quanto os ficcionais, como vemos nos contos de Viana: personagens mulheres que perderam seus dentes devido a atos sofridos ou que sentem náuseas profundas quando ouvem músicas que lembram os tempos em que foram assediadas.

Experienciando a obra de Viana, temas de violência contra mulher são recorrentes. Gomes (2018) afirma que as violências físicas e psicológicas sofridas pelas mulheres, em suas relações afetivas ou em espaços públicos, servem como instrumentos sociais para a manutenção do poder masculino que padronizou o feminino como subalterno. A violência e a literatura se encontram interligadas. Cabe ao texto literário a difícil tarefa de situá-la em seu interior dando-lhe concretude por meio de sua representação. Não só a mulher é vítima nas narrativas, o homem também passa por situações que o reprimem dentro de uma sociedade. Crianças e idosos não ficam ilesos nessa estrutura de base.

Relacionar a violência da ficção com a violência real nos oferece a oportunidade de ampliar e compreender o mundo, fazendo-nos refletir sobre a nossa função na sociedade e como nos relacionamos com a nossa própria memória cultural.

Dentro da obra vianiana encontramos vários tipos de violências representadas, tanto as simbólicas quanto as físicas. Antonio Carlos Viana conseguiu pôr no papel, com habilidade, as relações que os personagens têm com os outros e como são condicionados ao mundo onde estão inseridos. Um fator fixante da violência é sua naturalização. Ela é o modo mais fácil de legitimar a superioridade de um grupo que detém o poder, geralmente o grupo que domina são homens, brancos e heterossexuais. Para acabar com esse processo de normatização, a sua compreensão é um avanço para desnaturalizar as discriminações e violências praticadas.

Os homens também sofrem com a imposição de um sistema patriarcal. O privilégio masculino é uma armadilha e “encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes [...] que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” com relata (BOURDIEU, 2012, p. 64). Os comportamentos aprendidos socialmente nos condicionam a cumprir nossos papéis dentro da cultura.

O homem da atualidade é fragmentado, do mesmo modo “as identidades sexuais e de gênero têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural” (LOURO, 2001, p. 12). Ele é colocado em um mundo em que as coisas são relativas e ausentes de culpa nos que praticam violência, pois não há rosto fixo para lembrar. Sendo assim, há um apagamento do indivíduo, característica da sociedade moderna. Assumimos diversos papéis na sociedade e podemos facilmente confundi-los.

Toda a obra de Viana é permeada por narrativas que apresentam situações de violência, e seus narradores expurgam a sua dor por meio de memórias. O passado é sempre presentificado e traz consequências na vida dos indivíduos. Como, por exemplo, o conto “*Moonlight serenade*”, no qual a narradora, já adulta, descreve os abusos que sofrera de um suposto dentista em troca de tratamento. Por meio da memória, ela traz à tona toda a angústia que se transforma em problemas físicos ao lembrar de seu passado. Ao ouvir a música que intitula o conto, a jovem sente ânsias que a debilitam pois a transporta para a um passado que a marcou, como pode ser visto em: “comecei a vomitar. As pessoas foram parando, perguntando o que eu tinha e eu queria gritar: ‘É tudo culpa do Glenn Miller’. Aí o som aumentou e o jato veio mais forte” (VIANA, 2009, p. 108).

Na narrativa de Viana, as situações de violências fazem parte da rotina de seus personagens. Eles aparentam desconhecer outro modo de existir que não seja dentro de uma realidade violenta. Não só violência física, mas simbólica. Bourdieu a definiu como “uma violência suave, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas [...] do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2012, p. 7-8). A violência simbólica decorre de uma naturalização na cultura. Ela atravessa o imaginário social como uma espécie de memória cultural passada a cada geração.

É errôneo pensar que a violência é um fenômeno atual, porém tem sido abertamente trabalhada na literatura contemporânea, sem comedimento ou sutileza em sua representação. O que ocorre em alguns casos é a diluição dos atos de violência fazendo com que a vítima não se reconheça como tal. Como no conto “Barba de arame”, em que a personagem encerra a história numa espécie de consultório para fazer o exame comprobatório do seu estupro sem ter a mínima consciência do ato de violência que sofreu. Fato que pode ser vista em: “na sala fria para onde a levaram depois, mandaram que ela subisse numa cama estreita e veio um doutor que futucou, futucou e nem falou em latrina” (VIANA, 2004, p. 43). Segundo Arendt, “uma vez introduzida a violência, dor e sofrimento espalham-se em níveis que não podem ser enfrentados e controlados” (ARENDR, 2011, p. 96), e por conseguinte naturalizados.

### **Dominação e poder na contística de Viana**

São diversos os caminhos que podemos escolher para percorrer diante da obra de Viana. Para este trabalho em especial, optamos por analisar o conto “Cine privé”, do livro homônimo publicado em 2009. Neste texto, observaremos como o poder é colocado diante dos personagens. Em nossa investigação, consideramos como uma questão nuclear o entendimento de que o poder é a manutenção das relações econômicas e como veremos no conto selecionado, é por meio dele que os homens se mantêm como dominadores de outros homens e mulheres.

A dominação é como o “ato pelo qual se coage o outro a participar do sistema que o aliena. É obrigado a realizar atos contra sua natureza, contra sua essência histórica. É o ato de pressão, de força” (DUSSEL, 1977, p. 60). Conhecendo a obra de Antonio Carlos Viana, percebemos uma série de narrativas em que diferentes pessoas são submetidas a sistemas de dominação independente de seu gênero ou classe social. O poder não é um instrumento independente, “ao contrário, é uma relação de dispositivos estruturais e cognitivos mobilizados por cada grupo” (BRAGHIN, 2017, p. 166). Dessa forma, o agente detentor do poder se apropria das ferramentas preservando sua posição tendo como reposta do outro, a servidão.

### **“Cine privé”: o gênero masculino dominado**

No conto “Cine privé” evidenciamos uma violência que se dá predominantemente no âmbito psicológico. Aqui, a ação da violência psicológica muito se emparceira da violência simbólica tal como pensada por Bourdieu. Neste conto, destacamos um tipo de violência que é a exploração no trabalho experienciada por uma vítima do sexo masculino. Antonio Carlos Viana não isenta da violência nenhum

tipo de personagem em suas narrativas. Sempre encontraremos mulheres, homens e crianças submetidos a um sistema opressor sem expectativa de libertação.

O conto narra a história de “seu Manuel”. É ambientado entre o local em que trabalha e sua casa. Logo nas primeiras linhas nos deparamos com a situação e sentimentos do personagem. O narrador afirma que “tem horas que seu Manuel acha que nasceu para limpar toda a sujeira do mundo. O único emprego que lhe restou na vida foi aquele: limpar cabines de cine privê” (VIANA, 2009, p. 23). Seu Manuel trabalha no mesmo lugar há muito tempo. Antes de ser uma casa de shows eróticos, o espaço era um cinema no qual ele era o “lanterninha”. O lugar foi entrando em declínio e para não fechar as portas o dono precisou mudar o foco do lugar. Como não tinha escolaridade avançada, Manuel não teve muitas escolhas a não ser permanecer. A degradação do espaço do cinema é concomitante com a de seu Manuel que foi “rebaixado” da função que se orgulhava. Para aterrorizar ainda mais a vida do personagem, seu chefe não lhe assegura condições mínimas de trabalho. Apenas delega ordens com “aquele jeito de rei do mundo” (VIANA, 2009, p. 24).

As relações de poder contidas neste conto são diferentes da maioria apresentada nos textos de Viana. Elas se estabelecem não por questões de gênero, mas por questões econômicas. O dono do estabelecimento, Gamaliel, exerce seu poderio, subjugando o empregado que necessita do serviço. Este por sua vez, aceita as más condições de trabalho, o que vem a ser confirmado com o pensamento de Saffioti:

compreende-se que o processo de dominação só possa se estabelecer numa relação social. Desta forma, há o(s) dominador(es) e o(s) dominado(s). O(s) primeiro(s) não elimina(m) o(s) segundo(s), nem pode ser este seu intento. Para continuar dominando, deve(m) preservar seu(s) subordinado(s). Em outros termos, dominação presume subordinação. Portanto, está dada a presença de, no mínimo, dois sujeitos (SAFFIOTI, 2011, p. 117-118).

Esta subordinação o faz concordar com o espaço que está inserido que é sem ventilação, a música é barulhenta que “parece canalizar toda para os seus ouvidos” (VIANA, 2009, p. 23), além de não receber os aparatos mínimos necessários para fazer o trabalho como em “seu Gamaliel há muito deixou de lhe fornecer luvas” (VIANA, 2009, p. 27). Ele se sente insatisfeito e com desejos reprimidos. Desejos estes de gritar com os clientes, de se satisfazer sexualmente com alguma dançarina ou ter uma vida sexual ativa com a esposa que há anos não aceita nenhum envolvimento com ele, visto que “Doralice lhe fechou as pernas para sempre” (VIANA, 2009, p. 25). Por mais que ele reflita sobre seus desejos e insatisfações, não consegue sair desse contexto. Para o narrador, “ele não sabe até quando vai suportar aquilo, qualquer dia enlouquece, ainda mais vendo o que vê” (VIANA, 2009, p. 23).



Uma marca bem significativa no conto diz respeito aos cheiros e odores que são colocados diante do leitor. Um deles a ser apresentado é o “cheiro azedo de água sanitária” (VIANA, 2009, p. 23) nas cabines do estabelecimento. Outro é o que Doralice, a esposa do personagem, afirma que “sente cheiro de bicho no cio” (VIANA, 2009, p. 25) ao encontrá-lo.

Para seu Manuel, o espaço era sujo e ele como o responsável pela limpeza, usava de modo abundante o alvejante a ponto de se tornar desagradável. Para ele, a limpeza apenas com água e uma porção modesta de desinfetante não é suficiente. É uma sensação constante de que tudo em sua volta está sujo. Além de usar o alvejante no espaço, ele lava as mãos com o produto quando toca em algum lugar com sujeira, ele “lava as mãos com água sanitária na mesma hora” (VIANA, 2009, p. 25). Os clientes se sentem envergonhados diante dele ao sair das cabines, parecem demonstrar um certo respeito ao senhor de mais idade. É um momento em que o empregado parece exercer poder diante dos usuários, porém tal sensação é desmanchada quando vemos o estado que fica a cabine após o uso. Segundo a fala do personagem “os filhos da puta bem que podiam usar a lata de lixo, mas que nada, esporram no chão e nas paredes” (VIANA, 2009, p. 24). Percebe-se que apesar de ter recipiente para o lixo, os clientes sujam, propositadamente ainda mais o espaço, promovendo em seu Manuel sentimentos por ele repudiados, como o nojo constante do ambiente. Ele se sente aviltado ao ter que limpar “toda a sujeira do mundo”, sujeira que foi exagerada de modo proposital como é possível se observar em

seu Manuel mergulha a vassoura no balde e passa no chão, resignado. Do que ele mais tem raiva é dos nojentos que parecem gozar de propósito nas divisórias de compensado, só para dar trabalho. Outros fazem nas camisinhas que largam pelo chão. Só pode ser sacanagem com ele (VIANA, 2009, p. 24).

No trabalho, seu Manuel é humilhado pelos clientes que deixam a sujeira para ele limpar, o seu chefe o coloca em situações de alta periculosidade. Em casa, a situação não muda. Nela, a esposa, Doralice, o massacra culpando-o por sua filha, Nildinha, ter “nascido torta”. Ao entrar em sua residência, lugar em que ele deveria se sentir bem e “dono” do espaço, é degradado pela própria companhia. No texto encontramos que “Doralice o recebe com nojo na cara. Diz, mal ele abre a porta, que sente cheiro de bicho no cio, basta ele dobrar a esquina. Grita que não consegue tomar o café na mesma mesa que ele [...] (VIANA, 2009, p. 25)”.

Além da falta de afeto em casa, seu Manuel se sente limitado por sua condição social não tendo nenhum momento de relaxamento ou alívio da tensão da rotina, pois precisa se atentar até com a quantidade de água utilizada. Ao chegar em casa “ele vai direto para um cercadinho de plástico, toma um banho preocupado em poupar água do balde enquanto esfrega energicamente a bucha no corpo

com sabão de coco e ainda dá graças a Deus por estar empregado” (VIANA, 2009, p. 25). Neste fragmento podemos observar mais um exemplo de compulsão de limpeza do personagem e seu conformismo com o trabalho. Ele não gosta do lugar que está empregado, porém prefere se submeter a este a que procurar por outro que talvez não encontre. Como já informado aqui, outro aspecto de aceitação de sua vida trabalhista está no fato de estar no ambiente que tem as cores de seu time (vermelho e preto) e desse modo, “só isso o faz aceitar com menos rancor a vida que leva” (VIANA, 2009, p. 25). O homem na sociedade apresenta uma virtude que é “ser muito adaptativo” e um defeito que é “se adaptar até àquilo que deveria, que precisaria contestar” (MORAIS, 1981, p. 18). Dessa maneira, existe o conformismo diante da violência que é sofrida.

Seu Manuel é tratado desrespeitosamente e não age para mudar sua situação, apesar de lhe causar extremo desconforto. Em Viana (2009, p. 25) nos deparamos com o estado emocional do personagem “seu Manuel fica muito triste. Se ela soubesse como ele sofre com aquela vassoura na mão e a pet cheia de desinfetante que ele mesmo prepara, não faria isso”. Só há um único momento em que seu Manuel larga a inércia: responde à esposa que o critica constantemente. Ele, cansado e triste, após ser humilhado pela esposa diz que “é a porra dos outros que enche a sua boca de comida” (VIANA, 2009, p. 25). Para que isto viesse acontecer, ele precisou ser submetido a vários episódios de tensão e descontentamento.

Enfrentar a esposa foi um momento pontual, pois o seu estado de sujeição não permite mudanças “ele se cala, não quer briga, não tem coragem de deixar a filha para trás. Só por ela aguenta os desafios de Doralice” (VIANA, 2009, p. 27-28). A escolha lexical “desafios” nos chama atenção. O narrador ameniza o discurso de violência cometida pela esposa, utilizando a palavra com carga semântica de mais leveza. Após mais uma investida sexual com a esposa, é rejeitado “sai, seu fedido” (VIANA, 2009, p. 27) e “não diz nada, ela tem toda a razão” (VIANA, 2009, p. 27). A sua inatividade afeta não só a relação dele com os demais que convive, mas consigo mesmo. Suas frustrações o desmotivam a encarar a vida. Reprime o desejo do prazer sexual “vai tomar banho e quer bater uma, logo desiste, não fica bem na sua idade” (VIANA, 2009, p. 27) e o sentimento de culpa pela condição da filha o deprime “às vezes seu Manuel acha que Nildinha olha pra ele de um jeito que o enche de culpa. Nessas horas, ele chora” (VIANA, 2009, p. 27).

Apesar de não ter coragem de assumir uma postura mais incisiva, ele sente desejo pelas mulheres e pelas travestis que se apresentam no palco. Em seus pensamentos, tenta fazer o mesmo que fazem com ele na realidade. De modo preconceituoso tenta menosprezar o outro ao afirmar que “o público nem sabe que muitas são de travecas, que, de uns tempos pra cá começaram a invadir a cena, avacalhando tudo de vez” (VIANA, 2009, p. 28). Contudo, mesmo apresentando um discurso

homofóbico, assume o desejo pela travesti Dany Kelly afirmando que “qualquer dia ele toma coragem e vai mostrar a ela o que é um macho de verdade. Faz tempo que não mostra a sua macheza” (VIANA, 2009, p. 28). Tal devaneio é disperso quando volta a realidade e vai pegar “a vassoura de franja mole” para fazer a limpeza. Tal expressão nos remete a uma analogia para uma possível impotência sexual. Ele dentro de um ambiente extremante erotizado, um ambiente que lhe deixa excitado, porém é frustrado por não conseguir “mostrar a sua macheza” restando-lhe apenas a vassoura mole para “limpar, mais uma vez, toda a porra do mundo” (VIANA, 2009, p. 28), exceto a dele.

Neste conto, encontramos a dominação do patrão para com seu empregado que não pode se desvencilhar da opressão por questões financeiras. Ele, ao mesmo tempo que sofre no emprego, em casa também segue sendo hostilizado pelo trabalho que exerce além de ser alvo da esposa, por suas frustrações com a saúde da filha e o seu desejo sexual reprimido.

O arcabouço temático da obra de Viana é muito rico, além das questões de relação de poder e dominação abordados neste trabalho, é possível encontrar nos mais de 150 contos publicados assuntos como o erotismo, a monstruosidade, os ritos de passagem, o memorialismo e principalmente a violência que está presente em toda a sua produção literária. Seus personagens, independente do gênero e classe social sofrem e são condicionados a situações que ultrapassam os seus limites.

## Conclusão

O poder como fato isolado não existe, o que temos são relações de poder que dominam uns aos outros por meio de uma força e disciplina. Sempre irá existir, pois é impossível se libertar destas relações. É por meio da disciplina que se observa de modo mais claro estas relações estabelecidas como as de opressor/oprimido; mandante/mandatário.

A estrutura de dominação subjuga os que fazem parte dele. O corpo é onde se materializa as relações de poder. As personagens que sofreram em seus próprios corpos as marcas da dominação não conseguiram se afastar dela. Seu Manuel constantemente humilhado preferiu se conformar a lutar pela realização dos seus desejos. Saffioti (2011, p. 80) sobre a relação patrão-empregado diz que “este último não consente com as condições do contrato, tampouco com o salário, mas cede, pois, quase sempre é abundante a oferta de força de trabalho e escassa a oferta de postos de trabalho”. A figura do dominador é constante na nossa sociedade e ultrapassam as fronteiras de gênero.

A literatura consegue por meio da linguagem perpassar por temas que são caros a nós levando a reflexões e autoconhecimento. Por meio dela, conseguimos

olhar para dentro de nós, reconhecer nossas ações e nos desafiar em contextos que dialogam com a realidade que estamos inseridos, nos transformando internamente. Para Williams (1979, p. 211) “a literatura é com frequência uma articulação e, com efeito, uma nova formação que se estende além de seus próprios modos”. Dessa forma, o texto literário tem o poder de transformar situações próprias do cotidiano em arte. Nos identificamos, nos reconhecemos e fugimos da trivialidade. Williams (1979) ainda diz que a arte reflete o mundo real, um mundo que tem vida própria e não simples aparências.

Viana descreve de forma simples e profunda as dores e frustrações das pessoas “quase invisíveis aos olhos da sociedade, a exata dimensão de uma realidade dura” (SILVA, 2013, p. 2), dando-lhes profundidade e complexidade. Tudo isso faz com que a obra de Viana figure no panorama dos principais escritores da contemporaneidade.

A investigação da violência na contística de Viana pode dar, por fim, suporte a outras questões presentes em sua produção, ampliando sua fortuna crítica, a saber: a construção da memória e da identidade de indivíduo. A violência na obra do sergipano assume, deste modo, uma dimensão estética, por isso, acreditamos que nossa análise pode contribuir para o entendimento de que a violência não é apenas um tema recorrente, mas é sua “expressão”, ou seja, a sua linguagem literária.

## Referências

ANTUNES, Luísa Marinho. A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos. In: LAMAS, Nadja Carvalho; RAUEN, Taiza Mara (orgs.). **(Pro)Posições Culturais**. Joinville: Univille, 2010, p. 189-211.

ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BASTOS, Hermenegildo. Introdução. A obra literária como leitura/interpretação do mundo. In: BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana F. B (orgs.). **Teoria e prática da crítica literária dialética**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 9-22.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAGHIN, Simone. O poder em relação: revistando o conceito de poder em Michel Foucault, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 10, n. 1, jan./jun., p. 155-167, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/2263/simonev10n1.pdf>. Acesso em 14 set. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola; Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1977.

GOMES, Carlos Magno. A performance pós-moderna de Néida Piñon contra o feminicídio em Vozes do deserto. **Cadernos Pagu**, Campinas, 2018, n. 37, p. 219-246, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/wcMpVFyZSjgJYFkKykZkRp/?lang=pt>. Acesso em 12 set. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *et al.* **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 236-59.

SILVA, Maria Ivonete Santos. Violência e desumanidade no conto Esperanza, de Antonio Carlos Viana. In: Congresso Internacional Da Associação Brasileira De Literatura Comparada, 13, 2013, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande, Realize Editora, 2013, p. 1-8. Disponível em: [http://anais.abralic.org.br/trabalhos/Completo\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_462\\_d6a879df39dfe1106eee85874de9e6a3.pdf](http://anais.abralic.org.br/trabalhos/Completo_Comunicacao_oral_idinscrito_462_d6a879df39dfe1106eee85874de9e6a3.pdf). Acesso em: 14 set. 2022.

VIANA, Antonio Carlos. **Aberto está o inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIANA, Antonio Carlos. **Cine privé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.